

# no embalo da rede

Leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade são os temas de cinco conferências que o escritor italiano Italo Calvino preparou a convite da Universidade de Harvard. Calvino morreu subitamente e não chegou a proferir as aulas. Os textos, contudo, foram reunidos no livro *Seis Propostas para o Próximo Milênio* – a sexta conferência, sobre consistência, ficou inacabada. Eles partem da intenção do autor de refletir sobre qualidades que lhe eram caras na literatura. Elas, no entanto, transcenderam o tema e se tornaram leitura obrigatória para pessoas envolvidas em atividades artísticas e criativas que não queiram ser guiadas pelas chamadas “últimas tendências”.

Lembro essas qualidades nesta Bamboó pois penso que elas poderiam resumir uma declaração de intenções do design adaptado a uma vida nômade, que prevaleceu em culturas ditas primitivas e que volta com força, de uma nova forma, neste já não tão novo milênio.

A leveza dos objetos deve ser literal, mas também cabe falar de uma leveza metafórica, da linguagem adotada. A rapidez pode remeter à facilidade de transporte e de desmontagem do objeto numa circunstância, para a sua remontagem em outra. Exatidão se associa à essencialidade, à forma justa. Multiplicidade pode ser compreendida como a versatilidade de contemplar diferentes usos para diferentes necessidades, a intercambialidade das funções do objeto e mesmo a possibilidade de ele “desaparecer” quando está fora de uso, desmaterializando-se tanto quanto possível.

A meu ver, um objeto sintetiza todas essas qualidades do design nômade – além de preencher também os pré-requisitos gerais do design na contemporaneidade, tais como a sustentabilidade e o fato de ser uma importante forma de expressão cultural de um povo. E ele é muito antigo: a rede.

Mencionada já na carta de Pero Vaz de Caminha, esse equipamento de amplo uso pelos indígenas foi adotado como meio de transporte pelos viajantes e lugar de descanso pelos colonizadores. Ainda hoje permanece como o “mobiliário” brasileiro por excelência, presente de norte a sul do país.

A versatilidade da rede é documentada em ricas imagens de artistas-viajantes dos séculos 17 e 18, como Frans Post e Jean-Baptiste Debret. Nessas obras, ela aparece tanto como equipamento obrigatório nas expedições coloniais, servindo simultaneamente de cama, liteira e poltrona, quanto nas residências, não só para o repouso e o lazer mas também como local de trabalho. A multiplicidade dá a tônica

nas representações do século 20. Seu uso como caixão está retratado nas obras *O Enterro na Rede*, de Mestre Vitalino, e *o Enterro do Camponês*, de Abelardo da Hora. Xilogravuras da literatura de cordel a representam como berço para os bebês. John Graz e Lasar Segall a mostram como cadeira, poltrona e cama. Em 1964, convidado a conceber o pavilhão brasileiro na 13ª Trienal de Milão, na Itália, cujo tema era tempo livre, o arquiteto Lucio Costa compôs um ambiente apenas com redes – que podiam ser usadas pelo público – e violões.

A rede pode ser vista como o único móvel em choupanas do Norte e do Nordeste ou estendida nas varandas ricas das fazendas, das casas de praia e dos sítios nas montanhas país afora. Emaranha-se nos barcos que cruzam os rios da Amazônia e se destaca nas ocas indígenas. Aparece espremida nos apartamentos nas grandes cidades ou nos redários que vêm se multiplicando em áreas de descanso para funcionários de empresas.

A simplicidade construtiva e formal da rede, sua adequação ao clima tropical e sua economia de materiais vêm sendo admiradas por vários designers. Entre muitas recriações, cabe ressaltar dois clássicos do design brasileiro: as poltronas *Tripé*, de Lina Bo Bardi, e *Paulistano*, de Paulo Mendes da Rocha. Aliás, o primeiro desenho da *Paulistano* previa o uso de fibra de tucum para vestir a estrutura metálica, material usado nas redes indígenas.

Há muito a se explorar a respeito desse tema. Há tempos tento implementar o projeto de uma abrangente exposição acompanhada de livro sobre a rede como uma contribuição americana ao cenário mundial do design. Cabe lembrar que sua origem é atribuída à civilização maia, na América Central, e que seu uso se dissemina por países como México, Guatemala, Venezuela, El Salvador e Costa Rica. Na cosmovisão guarani – cuja civilização está presente na Argentina, no Paraguai, no Uruguai e no sul do Brasil –, ela representa o ventre materno, o primeiro berço vital do ser humano.

É importante realçar essa dimensão. Pois o habitat contemporâneo pede sim móveis realmente móveis, leves, flexíveis; objetos compactos e portáteis, adequados tanto aos espaços cada vez mais reduzidos das residências quanto ao estilo de vida nômade. Mas é preciso ter em conta que o nosso desejo da liberdade oferecida pela estrada é simultâneo à necessidade cada vez mais premente de aconchego e de senso de pertencimento.

**Adélia Borges** é crítica e curadora especializada em design.

“a rede sintetiza importantes pré-requisitos do design contemporâneo, como a sustentabilidade e o fato de ser uma forma de expressão cultural de um povo”

*Na sobreposição de imagens, detalhes das poltronas Paulistano (em cinza), criada por Paulo Mendes da Rocha em 1957 e produzida pela Objeto para Futon Company; e Tripé, de Lina Bo Bardi, de 1948 (em lilás). Os assentos de ambas são inspirados pela rede, mobiliário típico das culturas ameríndias.*